

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO ATRAVÉS DA LEITURA

Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano (UERJ e CPII)
valeriacristinacaetano@yahoo.com.br

Este relato de experiências consiste em uma prática pedagógica sobre leitura e produção textual intitulada **Oficina da Palavra** realizada com alunos do Colégio Pedro II. Investiga a utilização que esses alunos fazem da escrita e da leitura na vida cotidiana, as dificuldades que encontram no uso destas habilidades e como reagem diante das atividades propostas. Também são descritas a organização da Oficina da Palavra e algumas atividades desenvolvidas.

O desenvolvimento do trabalho surgiu em 1994 com base na experiência docente enquanto professora de Literatura Infanto-Juvenil do Colégio Pedro II e também como coordenadora dos Projetos Poesia e Teatro na Escola, em atuação na Divisão de Ação Cultural da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE), órgão subordinado à Secretaria Municipal de Educação.

Atualmente, esta prática pedagógica é desenvolvida como projeto de Dedicção Exclusiva com alunos do Ensino Fundamental e Médio na Unidade Tijuca II.

A realização da Oficina da Palavra tem como objetivo desenvolver nos alunos maior interesse pela leitura e estimulá-los a escrever com espontaneidade.

Essa proposta de trabalho alternativo sobre leitura é uma adaptação da Oficina a Palavra destinada aos professores da Secretaria Municipal de Educação, a fim de instrumentalizá-los e enriquecer a prática pedagógica com relação à leitura e à produção de textos.

A Oficina da Palavra tentou suprir as deficiências do contato entre o leitor e o texto no universo escolar, buscando formar leitores críticos, pois o texto é vivo e funciona como ponto de interação entre o leitor e o autor.

Pretendeu-se valorizar as experiências culturais daqueles alunos estigmatizados e considerados irrecuperáveis, com a finalidade

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

de proporcionar-lhes situações que os conduzissem a uma leitura de mundo mais crítica.

ORGANIZAÇÃO DA OFICINA DA PALAVRA

Ao adaptar a Oficina da Palavra para os alunos, houve a necessidade de se fazer algumas alterações no desenvolvimento do trabalho, pois as atividades deveriam estar de acordo com o grupo que se iria trabalhar:

a) As tarefas propostas eram realizadas por todos os alunos e, portanto, inseridas no planejamento pedagógico. Não havia o caráter opcional ou extracurricular.

b) O número reduzido de alunos (21) permitiu um atendimento mais individualizado.

c) O professor como orientador de experiências, um revisor do texto do aluno.

Avaliação é um momento de reflexão do aluno e do professor juntos. Cada trabalho deve ser revisto em aula pelo aluno, com a ajuda do professor, não como um avaliador rígido, mas como um interlocutor que busca mais informações, desvendando com a turma as funções e características específicas da escrita.

O texto enquanto espaço de significações é, portanto, uma obra inacabada que vai se complementando e sendo recriada nas múltiplas leituras de diferentes leitores.

Conversas informais sobre descobertas e experiências cotidianas, a leitura de livros indicados, a reflexão a respeito de outros textos etc., auxiliam na escolha do tema a ser trabalhado. Então, cada aluno, ou todo seu grupo inicia o primeiro rascunho que deve ser lido para a turma, recebendo a opinião do professor e dos colegas que nele interferem com perguntas, opiniões, ideias, resultando, na maioria das vezes, numa reelaboração do pensamento do autor, novas discussões e revisões.

Desta forma, o texto antes de chegar à versão final, atravessa diferentes momentos até ser considerado pronto para ser colocado no mural. É fundamental que nesse processo o autor tenha usufruído das

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

conversas com o professor, com o seu grupo, com a turma, tratando-se, assim, de uma escrita com significação, representando muito mais que o simples cumprimento de uma obrigação.

O mais importante é não ficar somente corrigindo os erros de gramática, mas também valorizar o processo de criação verbal. Corrigir sim, quando o texto for incompreensível, fazendo junto com o autor, sugestões para que sua escrita fique mais clara através de frases curtas e pontuadas.

Assim, a correção serve como estímulo a quem espera uma orientação. O excesso de correção desestimula o trabalho de criação pessoal. Portanto, é bem mais interessante um texto criativo do que gramaticalmente correto.

Como num trabalho criativo não cabe um critério padrão, foram adotados alguns critérios básicos quanto à produção de textos: organização do pensamento; expansão da ideia; estabelecimento da relação do tema proposto ao cotidiano, realizando comentários críticos; ortografia; pontuação; concordância verbal/nominal.

Na sua organização, a Oficina da Palavra também inclui atividades criativas: jogos, brincadeiras, dinâmicas, letras de músicas, e os mais variados textos de jornais, histórias em quadrinhos, poesias.

Sendo assim, o professor é capaz de desenvolver em seus alunos a estrutura lógica do pensamento, aperfeiçoar o desenvolvimento linguístico, oportunizando-lhes o contato com diferentes tipos de textos e linguagens, despertando a sensibilidade e o espírito criador.

A variedade de textos permite a diversidade de conteúdos e enfoques indispensáveis para a formação de leitores, especificamente tratando-se de adolescentes, pois estão numa fase de descoberta, e esta é uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de sua autoafirmação.

Esta multiplicidade de temas existentes nos diversos livros e autores possibilita o conhecimento do processo de criação, "desmistificando" a figura do autor.

O acervo da biblioteca do Colégio, contendo livros clássicos e da literatura infanto-juvenil contemporânea, além daqueles destinados à pesquisa, esteve à disposição da turma durante todo o tempo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

No decorrer do trabalho, os alunos sentiram necessidade de consultar os livros da biblioteca, buscando informações e respostas para questões que surgiam à sua volta. A Oficina da Palavra contribuiu para que o espaço da biblioteca fosse valorizado e utilizado plenamente pelos alunos.

Textos variados, letras de canções populares, crônicas, reportagens, fragmentos de livros, contos, lendas ou ficção de autores consagrados servem de material de apoio que incentiva e enriquece a discussão em torno de uma ação que resgate a identidade cultural do aluno. Só assim pode-se desenvolver no aluno a valorização do ser humano como indivíduo e membro de um grupo social, atuante, crítico, que contribua para a construção de uma sociedade mais justa.

A Oficina da Palavra propicia um trabalho dinâmico e requer do professor um conhecimento das vivências dos seus alunos, mantendo o diálogo permanente, a troca de ideias e principalmente, ele deve ser um bom ouvinte, visto que cada adolescente tem características diferentes.

Este trabalho funciona como um elo integrador entre as disciplinas uma vez que todas utilizam a leitura e a escrita como meios para atingirem seus objetivos. Partindo deste pressuposto, utilizou-se para o desenvolvimento de determinados temas, o aproveitamento da leitura de jornais para os conteúdos de Língua Portuguesa e História com sucesso.

Esta proposta de trabalho pedagógico sobre leitura pretende desenvolver a arte da palavra através de histórias que estão aí cheias de ideias e que não se esgotam no momento em que são lidas ou ouvidas. Pelo contrário, é a partir daí que permanecem em nossa imaginação. Por isso, é necessário retirá-las do papel e fazê-las brincar com os leitores, através da música, do teatro, das artes plásticas e da própria palavra - origem de tudo.

A produção de texto deve ser precedida do ato de narrar, debater, argumentar sobre o tema que vai ser desenvolvido. A escrita é uma atividade de criação que está intimamente relacionada às experiências e crenças de cada um, ou seja, de um mesmo assunto pode-se ter várias leituras diferentes dependendo da ideologia, da condição social e das experiências de vida do autor.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Tendo em vista que a sensibilização é indispensável neste processo, a Oficina da Palavra utiliza uma técnica que se baseia no método APLIC (Aprimoramento da Linguagem e Criação) de Rosa Riche e Luciana Haddad. Consiste no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita em três fases:

a) **DESINIBIÇÃO** – é o primeiro momento no qual são desenvolvidas atividades que conduzam o aluno à descontração, à expressão livre de ideias e opiniões.

b) **ESTÍMULO** – é a fase em que são utilizados jogos verbais, música, jornais, livros, revistas, etc. para a exploração de textos, impulsionando a capacidade criativa.

c) **CRIAÇÃO** – é a fase da elaboração de textos. Acredita-se que após estarem desinibidos, integrados e estimulados, deixam fluir mais livremente seu potencial criativo.

INTERAÇÃO DOS ALUNOS COM AS ATIVIDADES PROPOSTAS

Inicialmente houve por parte de alguns alunos uma rejeição pelo trabalho apresentado.

Nos primeiros textos, muitos alunos demonstravam falta de ordenação lógica do pensamento e alguns se limitavam a produzir frases isoladas. Gradativamente, foram aprimorando a escrita, havendo preocupação inclusive, com a correção ortográfica.

Presume-se que grande parte das dificuldades de compreensão de leitura provêm do fato de que os alunos não possuem informação prévia, não dispõem de um certo pré-conhecimento acerca do tema geral e do conteúdo específico dos textos.

Os alunos demonstravam preferência por leituras de assuntos ligados ao esporte, devido à realização dos jogos da Copa do Mundo e por notícias policiais veiculadas em jornais onde predominam o sensacionalismo e a violência.

Pode-se concluir que os adolescentes que vão adquirindo o gosto pela leitura, procuram temas que lhes digam respeito e possam

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

trazer-lhes algum esclarecimento, além de assuntos que são veiculados pela mídia.

De modo geral, os alunos realizavam uma leitura mecânica uma vez que apresentavam um universo vocabular reduzido, pois o aparecimento de palavras não familiares num texto provoca uma leitura linear do mesmo.

À medida que participavam das atividades da Oficina da Palavra percebia-se uma sensível melhora na compreensão e interpretação de textos, pois foram criadas condições que lhes permitam pensar sobre a escrita de modo que se sentissem à vontade e orgulhosos do seu texto.

A aceitação da Oficina pelos alunos pode ser constatada pela observação das reações da turma. Logo que foi proposta a primeira atividade em grupo, mostravam-se arredios e com receio dos colegas.

Foi utilizada como estratégia para o início do trabalho, a organização em duplas ou com o grupo em círculo. Com o desenvolvimento do trabalho, foram integrando-se e demonstrando mais descontração tornando o ambiente da sala mais amistoso.

A organização do espaço físico da sala foi um fator preponderante para que se estabelecesse um ambiente dinâmico e propício à integração.

A arrumação da turma em grupos facilitou a troca entre os alunos; um lugar de encontro para discussões, explicações e atividades com toda a turma.

A Oficina da Palavra, como uma proposta alternativa, possibilita um trabalho com diferentes formas de expressão, integrando diferentes códigos e aglutina outros códigos de diferentes disciplinas em auxílio à expressão de seus conteúdos. Para elucidar esta prática, relata-se uma experiência vivenciada pelos alunos após uma aula de História, cujo tema abordado era "A Grande Propriedade Rural", na época do Brasil Colonial.

Os alunos assistiram a um vídeo sobre uma fazenda em Parati, no Estado do Rio de Janeiro, em que puderam observar o funcionamento e a estrutura do engenho colonial: a Casa Grande, a senzala, a capela, a moenda onde a cana-de-açúcar era transformada em ou-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tros produtos: açúcar, rapadura e aguardente parati que deu origem ao nome do lugar.

Descobriram que o açúcar era o principal produto do Brasil naquela época e que era transportado até o Porto do Rio de Janeiro por escravos montados no lombo de mulas e exportado para a Europa.

Compreenderam como era estruturada economicamente a sociedade canaveira: senhores de engenho/homens livres/escravos; a relação do poder entre estes elementos; o cotidiano dos engenhos.

Reportaram-se a um período da História com uma realidade bem distante da contemporânea, percebendo as semelhanças e diferenças entre os fatos daquela época e os da época atual.

Após refletir criticamente sobre a atmosfera existencial, social, política e cultural daquela sociedade, a turma produziu textos e construiu maquetes reproduzindo a estrutura de um Engenho Colonial. Os trabalhos produzidos eram de tão boa qualidade que foram selecionados para a exposição do Colégio: "Feira de Atividades".

Foi uma experiência bem sucedida, visto que os alunos participaram com bastante interesse e motivação, como também recuperaram a autoestima.

Foram capazes de transferir seus conhecimentos, demonstrando uma visão mais ampla dos acontecimentos.

Para ilustrar esta postura reflexiva diante dos fatos, vejamos a seguir esta frase produzida por um aluno, que expressa a situação de dominação da Colônia pela Metrópole: "Todo o açúcar produzido em nossa terra era comprado pela Metrópole por preços baixos que revendia com lucro para os outros países da Europa".

O ato de ler é socialmente determinado e consiste numa interação verbal entre os indivíduos, representando um diálogo entre leitor e autor em suas respectivas relações com o mundo. Portanto, o social determina a leitura e constitui em parte seu significado.

Os homens atribuem significados a seus atos. Mas um mesmo fato pode ser interpretado de formas diferentes se os indivíduos de uma mesma sociedade fizerem uma ou outra leitura. Os significados,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

os valores fazem parte do mundo social que as ciências sociais, como a Sociologia e a Antropologia pretendem analisar.

Luis Costa Lima ressalta a importância desta abordagem do mundo social quando nos diz que "O reflorescimento da análise sociológica do discurso literário é devido a uma nova concepção de história - onde a ideia de interpretação supera a descoberta da REALIDADE do próprio estudo" (A análise sociológica da literatura, p. 129).

A título de ilustração, vejamos o poema abaixo transcrito ERRO DE PORTUGUÊS de Oswald de Andrade, analisado durante uma atividade da OFICINA DA PALAVRA:

Erro de Português

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio teria despido
O português

A análise do poema desencadeou uma discussão bastante enriquecedora, oportunizando aos alunos uma abordagem da "Descoberta" do Brasil sob diferentes pontos de vista. Um acontecimento, ou melhor, um fato histórico analisado tanto sob a ótica do português dominador quanto a do índio dominado.

Os personagens: o português e o índio, constroem o enredo através de suas relações culturais, sociais, políticas, religiosas, enfim, de suas ações e testemunhos num determinado tempo e lugar, constituindo parte da nossa história.

Esta perspectiva representa uma ruptura com a visão acadêmica de como escrever a história, isto é, rompe com a visão da história como narrativa dos fatos.

Portanto, pode-se observar que a questão da negação do fato social, bem como da expressão cultural, do acontecimento histórico como fato concreto, preexistente na natureza social, é expressa tanto pela Sociologia como pela Antropologia e História, na medida em que os indivíduos atribuem significados a suas ações. Eles fazem

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

“leituras”, têm percepções organizadas segundo as convicções, os códigos socialmente estabelecidos.

Lúcia Lippi Oliveira em seu texto “Literatura e Sociedade, Teoria Literária e Análise Sociológica” (*Apud* Khéde, 1984, p. 83-90), aponta para o fato de não termos acesso ao que seria o mundo “real”, a história “verdadeira”. Porém, conhecemos as imagens, as representações construídas sobre o mundo. Ela denomina estas representações de ficções ou “fabricações”.

O poeta Oswald de Andrade realiza uma leitura humorística e pitoresca de um fato histórico, objetivo, documentado. “O DESCOBRIMENTO DO BRASIL”, através de um texto literário, o poema ERRO DE PORTUGUÊS, cujo estatuto é o da ficção e que não pode ser considerado testemunho da realidade. Contudo, a atitude do poeta de transpor o real se equipara a daquele historiador denominado por Roger Chartier (1990, p. 54-57) como historiador das mentalidades ou das ideias, cujo objeto não é o real, mas as maneiras como os homens o pensam e o transpõem.

Nenhum texto por mais que pareça ser documental, mantém uma relação transparente com a realidade que o apreende. O texto literário ou documental, não pode nunca anular-se como texto, ou seja, a sua relação com o real é construída segundo modelos discursivos, esquemas de percepção e de apreciação, que remetem à própria condição de produção. O real efetivamente não é apenas a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita.

Uma das técnicas da OFICINA DA PALAVRA consiste na utilização do texto jornalístico, partindo-se da objetividade da linguagem do documentário, a fim de resgatar-se a natureza literária de cada participante, na medida em que se propõe a eles que produzam um texto individual, buscando-se o ficcional, isto é, a “leitura”, a percepção que cada um realiza dos fatos.

Magda Soares em seu texto “As condições sociais da Leitura: uma reflexão em contraponto” (Zilberman e Silva, 1991) define a leitura como “um ato de interação verbal entre os indivíduos socialmente determinado: o leitor, suas relações com o mundo e com os outros; o autor..., entre os dois: enunciação e diálogo”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Enunciação é um processo de natureza social, não individual, vinculado às condições de comunicação, que por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais - o social determinando a leitura e constituindo seu significado.

O texto não preexiste à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas é construção ativa. É no processo de interação desencadeado pela leitura que o texto se constitui: “A leitura é produzida”; “É a sua interação que os interlocutores instauram o espaço da discursividade. Autor e leitor confrontados definem-se em suas condições de produção e os fatores que constituem essas condições é que vão “configurar” o processo de leitura” (Orlandi, 1983).

Em outras palavras, textos não têm significado em si mesmos, mas o sentido deles é uma produção que emerge de práticas e apropriações que geram diferentes interpretações tendo em vista usos plurais e específicos.

O contar/ouvir histórias é imprescindível para uma relação satisfatória com o universo da ficção, como complementação da redução da realidade que as práticas sociais impõem. Na escola, a leitura é imposição, avaliação para nota. Logo, a possibilidade de desrepressão do imaginário através da leitura se inviabiliza, sobrecarregada pelo sistema lógico. A leitura deixa de ser um prazer para ser um dever, ao invés de suscitar o posicionamento crítico, a liberdade de expressão, limitando-se à leitura silenciosa em perguntas e respostas.

A OFICINA DA PALAVRA possibilita o exercício da experiência da leitura prazerosa, a partir de práticas fundadas na valorização da “relação afetiva” com a leitura, pois a literatura comove, instiga à reflexão, reanima ideias e desejos, levando o leitor a interagir o que lê com o que vive. Isto não exclui a abordagem e o envolvimento com “textos” de diferentes linguagens e campos de conhecimento: a comunicação de massas; teatro, cinema...

Consequentemente, a OFICINA DA PALAVRA transforma-se num espaço de convivência e interação em torno da leitura e da oralidade em que os participantes tornam-se agentes de produção da leitura no seu contexto social: escola, trabalho, família, comunidade.

Assim sendo, esta proposta pedagógica contribui para o redimensionamento da concepção do ato de produção de leitura. Esta lei-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tura articulada à experiência do professor, deve funcionar como incentivo a práticas permanentes, tanto dentro quanto fora do âmbito escolar, no sentido de conduzir o leitor a uma leitura de mundo em que se sinta sujeito, situando-se no nível do útil e do prazer, sendo capaz de refletir criticamente sobre a realidade e transformá-la.

Enfim, através do desenvolvimento desta prática, nossos alunos de posse de vários recursos, lidam mais criativamente com a PALAVRA, instrumento de AÇÃO, e INTERAÇÃO social.

BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CAETANO, Valeria Cristina de Abreu Vale. *A construção do sujeito através da literatura*. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, UERJ, 1995.
- . *A produção do texto na escola de 1º grau. Série didática da linguagem projeto de ensino individualizado*. Fundação Brasileira de Educação. Centro Educacional de Niterói.
- CHARTIER, Roger. *História cultural - entre práticas e representações, memória e sociedade*. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA LIMA, L. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- DAUSTER, Tânia. Nasce um leitor: Da leitura escolar à "leitura" de contexto. In: *Leitura e leitores*. Rio de Janeiro: FBN/PROLER, 1994.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- KHÉDE, Sônia Salomão (coord.). *Os contrapontos da literatura: Arte, ciência e filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola*, Rio de Janeiro: Globo, 1972.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

RICHE, Rosa e HADDAD, Luciana. *Oficina da palavra*. São Paulo: FTD, 1994.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola, uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1987.

YUNES, Eliana (org.). *A formação do leitor, questões culturais e pedagógicas*. Porto Alegre: Cortez, 1985.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). *Leitura - perspectivas interdisciplinares*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.